



Entre o facto e a forma: a reconfiguração do tempo na poesia camoniana

Sa pagitan ng katotohanan at anyo: ang muling pagsasaayos ng oras sa tula ni Camões

SECÇÃO: ARTIGOS

Rafael Sicoli Pacheco

Universidade de São Paulo, Brasil



orcid.org/0009-0002-3154-2948



rafael.pac90@usp.br

Recebido em: 17 mai. 2026.

Aprovado em: 14 jun. 2026.

Publicado em: 26 jul. 2026.

Citação recomendada:

PACHECO, Rafael Sicoli (2026) Entre o facto e a forma: a reconfiguração do tempo na poesia camoniana, *Revista de Estudos Camonianos* 2, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 19-25. <https://camonianos.pt/numero-2-2026>. ISSN: 3134-7223.

Resumo: A segunda estrofe do Canto V de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, representa um momento crucial na narrativa da viagem de Vasco da Gama, onde o poeta transforma factos históricos numa rica exposição retórica. Camões utiliza um marcador temporal, *Entrava neste tempo o eterno lume*, que, embora informativo, é elevado a um nível poético pela substituição de *sol* por *eterno lume* e de *signo de Leão* por uma referência mitológica ao Leão de Nemeia. Esta técnica não é apenas decorativa, mas também essencial para o projeto estético de Camões, que visa conferir à história portuguesa um carácter universal. A referência à primeira obra de Hércules, matar o Leão, reforça esta transformação semântica, refletindo a sensibilidade astrológica do Renascimento, em que o momento da ação era interpretado à luz da astrologia.

Palavras-chave: *Os Lusíadas*, Luís de Camões, poética do tempo, providencialismo histórico, transfiguração simbólica.

Buod: Ang Stanza 2 ng Canto V ng "Os Lusíadas" ni Luís de Camões ay kumakatawan sa isang mahalagang sandali sa salaysay ng paglalakbay ni Vasco da Gama, kung saan binabago ng makata ang mga simpleng katotohanang pangkasaysayan tungo sa isang mayamang retorikal na pagpapaliwanag. Gumamit si Camões ng isang panandang temporal, "Entrava neste tempo o eterno lume" (Pumasok ang walang hanggang liwanag sa pagkakataong ito), na, bagama't nakapagbibigay-kaalaman, ay itinaas sa isang patulang antas sa pamamagitan ng pagbabago ng "araw" tungo sa "walang hanggang liwanag" at "tanda ni Leo" tungo sa isang mitolohikong reperensya sa Leon ng Nemean. Ang pamamaraang ito ay hindi lamang pandekorasyon, kundi mahalaga rin sa proyektong estetiko ni Camões, na naglalayong bigyan ang kasaysayan ng Portugal ng isang unibersal na katangian. Ang pagtukoy sa unang paggawa ni Hercules sa pagpatay sa Leon ay nagpapatibay sa semantikong pagbabagong ito, na sumasalamin sa astrolohikal na sensibilidad ng Renaissance, kung saan ang sandali ng aksyon ay binigyang-kahulugan sa liwanag ng astrolohiya.

Mga keyword: Ang mga Lusiad, Luís de Camões, poetics ng panahon, historical providentialism, simbolikong pagbabagong-anyo.

Nota editorial: O título, resumo e palavras-chave são apresentados em português e em filipino.

Editor: Rede Camões na Ásia & África.

Revisão: Todos os textos publicados na secção de artigos da *Revista de Estudos Camonianos* são revistos por dois revisores sob duplo anonimato.



ACESSO LIVRE

Todos os materiais da *R.E.C.* são distribuídos em acesso aberto, segundo a licença CC BY-NC-ND ([Atribuição-NãoComercial-SemDerivações](#)) que permite baixar e partilhar os ficheiros, sem modificações e sem fins comerciais.



1. Introdução

A estância 2 do canto V de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, insere-se em um momento decisivo da narrativa épica: o relato da viagem de Vasco da Gama, já avançado em sua progressão marítima e histórica. Nesse ponto do poema, o poeta não apenas regista acontecimentos, mas opera uma reconfiguração da experiência histórica por meio da linguagem poética.

O trecho é exemplar porque evidencia um procedimento central da poética camoniana: a transformação de um dado factual — potencialmente simples, como uma referência temporal ou circunstancial — em matéria de alta elaboração retórica. Tal procedimento não deve ser entendido como mero ornamento, mas como parte constitutiva de um projeto estético e ideológico que visa a elevar a história portuguesa ao estatuto de exemplaridade universal. Desse modo, a análise permite compreender como, no interior do canto V, se articulam história, linguagem e memória sob o regime formal do Classicismo.

Apresenta-se a estância a seguir:

*Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o Mundo, que co tempo se consume,
Na sexta idade andava, enfermo e lento.
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.*

Camões 2000:213

2. O dado histórico e sua transformação

Na estância em análise, o elemento de base é, em termos estritos, mínimo: trata-se de uma marcação temporal, correspondente à posição do Sol no zodíaco: *Entrava neste tempo o eterno lume / No animal Nemeio truculento*, isto é, a entrada solar no signo de Leão. A esse dado se acrescenta outra indicação igualmente sintética: *Na sexta idade andava, enfermo e lento*, que remete à divisão tradicional da história do mundo em idades. Do ponto de vista informativo, tais referências poderiam ser expressas de maneira direta, como o faria um registo cronístico. Um exemplo disso encontra-se no diário de bordo da Armada de Vasco da Gama:

Nós partimos do Restelo num sábado, que foi o último dia do mês de julho do ano de 1497, para nossa viagem. Deus Nosso Senhor permitiu que se concluísse por seu serviço. Amém.

Teyssier 1995:128

Nesse caso, o tempo é indicado com precisão e suficiência, sem desenvolvimento retórico: trata-se de situar o acontecimento. No entanto, em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, esse mesmo tipo de dado é submetido a um processo de elaboração que o desloca do plano da simples indicação para o da construção poética. A expressão *eterno lume* substitui o termo comum *sol*, enquanto *animal Nemeio truculento* constitui uma perífrase mitológica para designar o signo de Leão, estabelecendo uma referência ao Leão de Nemeia, figura associada aos trabalhos de Hércules. Como se observa na tradição mítica, o primeiro trabalho de Hércules consistiu justamente na morte desse animal invulnerável:

O primeiro trabalho de Hércules foi matar o Leão da Nemeia, invulnerável. Para isso, o herói combinou uma série de medidas, até encontrar a mais efetiva para a missão. Primeiro, flechas, que nada fizeram. Em seguida, com sua potente clava, deu terrível golpe na cabeça do leão que caiu aturdido. Hércules, então, agarrou-se em seu pescoço e o asfixiou.

Salis 2012:14

A evocação desse episódio não é meramente ornamental: ao substituir o signo zodiacal por uma figura mítica carregada de ação e violência, Camões intensifica semanticamente o dado temporal, convertendo-o em imagem densa e historicamente ressonante. Essa concepção temporal articula-se também a uma sensibilidade astrológica amplamente difundida no Renascimento. Como observa Saavedra,

Na época renascentista de Camões, ao prestígio da astrologia clássica somava-se a influência dos astrólogos na vida das cortes desde a Idade Média, fazendo com que o binómio local / momento da vinda à luz fosse lido como pertencente ao foro astral, declinando-se nas regências dos planetas, nas sortes e nos vaticínios desveladores do porvir. Persistiu esta *forma mentis* tanto nas letras (...) como na cultura popular, na da corte (...), na da Igreja (...) e entre a classe dos médicos, tributária dos prognósticos (...).

Saavedra 2024:23

Nesse horizonte cultural, a referência à entrada do Sol no signo de Leão ultrapassa a simples função cronológica, integrando-se a uma visão de mundo em que os acontecimentos humanos se relacionam simbolicamente à ordem celeste. Do mesmo modo, a formulação *o Mundo, que co tempo se consume* introduz uma dimensão reflexiva que ultrapassa a função de datar, convertendo o tempo em princípio de desgaste e finitude. No caso específico da *sexta idade*, a elaboração poética mobiliza uma tradição teológica sistematizada por Agostinho de Hipona:

A doutrina segundo a qual a história da humanidade, desde a criação ao juízo universal, articula-se em seis idades é considerada corretamente uma invenção original de Agostinho de Hipona. [...] Em termos breves, da mesma forma que Deus cumprira a criação em seis dias, a história do mundo se cumprirá em seis mil anos.

Brilli 2011:128

Em *Sobre a catequese dos não-instruídos*, Agostinho afirma que *com Sua vinda, a sexta idade entrou em seu curso* (Agostinho 400:22§39), caracterizando-a como o período em que *a mente do homem [deve] ser renovada segundo a imagem de Deus*. A formulação camoniana *Na sexta idade andava, enfermo e lento*, mobiliza esse horizonte escatológico, mas o reveste de uma tonalidade melancólica e degenerativa, associando o tempo final da história ao desgaste do mundo.

Ao incorporar essa referência, Camões não apenas situa temporalmente a ação, mas a inscreve em uma concepção totalizante da história, na qual o tempo humano se organiza segundo uma lógica providencial. Desse modo, o que, no registo de Vasco da Gama, aparece como indicação direta e suficiente, transforma-se, no poema, em matéria densamente significativa: o tempo deixa de ser apenas indicado e passa a ser interpretado, inscrito em uma ordem simbólica que articula cosmologia, história e linguagem.

3. A elaboração retórica

A transformação do dado histórico em construção poética realiza-se por meio de um trabalho retórico rigoroso, no qual sintaxe, léxico e métrica operam de forma articulada para produzir elevação e densidade expressiva.

No plano sintático, observa-se a preferência por uma ordem não linear, marcada por inversões que afastam o enunciado da disposição mais direta da língua. A abertura *Entrava neste tempo o eterno lume* já evidencia esse procedimento: o verbo anteposto, seguido de complementos que retardam a identificação do sujeito, impõe ao leitor um movimento de reconstrução do sentido. Esse encadeamento sintático não apenas complexifica a leitura, mas contribui para a solene dilatação do enunciado, característica da dicção épica de Luís de Camões.

No nível lexical, destaca-se o emprego sistemático de termos elevados e de perífrases que substituem designações comuns. *Eterno lume* em lugar de *sol*, e *animal Nemeio truculento* em lugar de *Leão* exemplificam esse afastamento do vocabulário corrente. Tal escolha não se reduz a ornamento: ao mobilizar referências da tradição clássica, como o Leão de Nemeia, o poema inscreve o dado circunstancial em um horizonte cultural erudito, ampliando seu alcance semântico. Do mesmo modo, expressões como *o Mundo, que co tempo se consume* introduzem uma tonalidade reflexiva, na qual o léxico contribui para converter a indicação temporal em meditação sobre a finitude.

No que diz respeito à métrica, a estância organiza-se segundo o modelo da oitava-rima, forma fixa que combina regularidade e encadeamento. O decassílabo heroico, predominante no poema, sustenta um ritmo grave e cadenciado, adequado à matéria épica. A disposição das rimas, por sua vez, favorece a progressão do pensamento ao longo dos versos, culminando no fecho da estrofe, onde se concentra a ideia de maior densidade, *Na sexta idade andava, enfermo e lento*. Assim, a estrutura métrica não apenas organiza o discurso, mas participa ativamente da construção de seu efeito de sentido.

Dessa forma, a elaboração retórica não constitui um nível acessório, mas o próprio mecanismo pelo qual o poema realiza a elevação do dado histórico. É na articulação entre sintaxe, léxico e métrica que se efetiva a passagem da informação à forma, definindo a especificidade da linguagem épica em *Os Lusíadas*.

4. Tempo e memória

A referência à sexta idade, *Na sexta idade andava, enfermo e lento*, introduz, na estância, uma concepção de tempo que ultrapassa a simples marcação cronológica e remete a uma tradição de organização significativa da história. Essa formulação dialoga diretamente com a doutrina sistematizada por Agostinho de Hipona, segundo a qual o curso da humanidade, da criação ao juízo final, distribui-se em seis idades, cada uma dotada de sentido no interior de um plano providencial.

Nesse horizonte, o tempo não se apresenta como sucessão neutra de instantes, mas como estrutura orientada, na qual cada momento ocupa uma posição determinada. Ao afirmar que o mundo se encontra na *sexta idade*, o poema não apenas situa a ação, mas a inscreve em uma fase específica de um processo histórico total, marcado pela proximidade de seu termo.

Essa integração entre acontecimentos particulares e um sentido transcendente aproxima-se da reflexão de Auerbach acerca da tradição cristã, na qual os eventos humanos passam a integrar uma totalidade providencial (Auerbach 1997). Essa concepção implica também uma determinada relação com a memória. O passado não é evocado como acúmulo de acontecimentos dispersos, mas como sequência já interpretada, organizada segundo um princípio de inteligibilidade. A memória, nesse caso, não se limita a conservar: ela ordena e confere sentido, permitindo que o presente seja compreendido à luz de uma totalidade.

Nesse sentido, aproxima-se da formulação de Ricoeur, segundo a qual *o tempo devém tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo* (Ricoeur 2012:12). Em *Os Lusíadas*, a

experiência temporal não aparece como simples sucessão cronológica, mas como construção configurada poeticamente pela narrativa épica.

Em *Os Lusíadas*, esse modo de conceber o tempo reforça o estatuto épico da narrativa. A viagem de Vasco da Gama deixa de ser apenas um acontecimento histórico situado e passa a integrar uma história mais ampla, cuja coerência não deriva apenas dos factos, mas da forma como são lembrados e organizados. Desse modo, tempo e memória articulam-se na construção de uma narrativa que transforma a experiência histórica em totalidade dotada de sentido.

5. Classicismo e forma

A estância evidencia, em sua construção, princípios fundamentais do Classicismo, notadamente a ordem, o equilíbrio e a elevação, que orientam a organização da matéria poética em *Os Lusíadas*.

A ordem manifesta-se na disposição rigorosa dos elementos: o dado histórico, ainda que mínimo, é integrado a uma estrutura que o articula com referências cosmológicas e históricas mais amplas. Nada aparece de forma dispersa; ao contrário, cada componente, desde a posição do Sol, a menção à sexta idade, a imagem do mundo em desgaste, ocupa um lugar preciso no encadeamento do sentido. Essa organização confere inteligibilidade ao conjunto e afasta qualquer impressão de arbitrariedade.

O equilíbrio, por sua vez, resulta da proporção entre matéria e expressão. Um conteúdo simples, uma marcação temporal, não é inflado desmedidamente, mas desenvolvido de modo a alcançar densidade sem perder coesão. A elaboração retórica, longe de excessiva, mantém-se controlada, distribuindo-se de maneira harmônica ao longo da estância. Assim, a linguagem elevada não rompe com o conteúdo, mas o acompanha e o amplifica na medida justa.

Por fim, a elevação constitui o efeito mais visível desse processo. Por meio da escolha lexical, das perífrases e da construção sintática, o poema afasta-se do registo comum e inscreve o acontecimento em um plano superior. A referência ao Leão de Nemeia e a incorporação de uma concepção histórica de matriz agostiniana exemplificam esse movimento de elevação, que integra diferentes tradições culturais em uma forma unificada.

Dessa maneira, a estância não apenas apresenta um conteúdo, mas o submete a uma forma que o ordena, equilibra e eleva. É nesse trabalho formal que se reconhece a marca do Classicismo: não como simples estilo, mas como princípio organizador que transforma o dado histórico em construção poética dotada de coerência e dignidade épica.

Conclusão

A análise da estância permite compreender que, em *Os Lusíadas*, o dado histórico não se apresenta como simples registo, mas como matéria submetida a um processo rigoroso de elaboração formal. A marcação temporal, em si mínima, é progressivamente transformada por meio de recursos retóricos, referências culturais e esquemas de organização do tempo que lhe conferem densidade e alcance.

Esse procedimento evidencia que a epopeia não se limita a narrar acontecimentos, mas os reconfigura segundo uma lógica que os torna inteligíveis e significativos. Ao integrar elementos da tradição clássica e da reflexão histórica, como a concepção das idades do mundo, o poema inscreve a experiência particular em uma ordem mais ampla, na qual o tempo, a memória e a linguagem se articulam de modo coerente.

Desse modo, a epopeia camonianiana realiza uma verdadeira transfiguração do real: o acontecimento histórico, ao ser submetido à forma, deixa de pertencer ao plano do circunstancial e passa a integrar

uma construção que o eleva, organiza e preserva. É nesse movimento que se define a especificidade do épico em Camões: não a reprodução do mundo, mas sua recriação sob o signo da forma.

Referências

- AGOSTINHO de Hipona (400) *Sobre a catequese dos não-instruídos* [De *Catechizandis Rudibus*].
- AUERBACH, Erich (1997) *Figura*, trad. de Duda Machado, São Paulo: Ática.
- BRILLI, Elisa (2011) *As formas da história: a doutrina agostiniana das seis idades do mundo e algumas de suas visualizações no século XII*, *Revista de História* 165, São Paulo, 121-148.
- CAMÕES, Luís de (2000) *Os Lusíadas*, 4. ed., Lisboa: Instituto Camões; Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- RICOEUR, Paul (2012) *Entre tempo e narrativa: concordância/discordância*, trad. de João Batista Botton, *Kriterion: Revista de Filosofia* 53 (125), Belo Horizonte, 299-318.
- SAAVEDRA, Felipe de (2025) *A poesia e os astros em Camões*, Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Macau 24-25 de fevereiro de 2024*, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 31-56. ISBN: 978-989-35669-3-0.
- SALIS, Viktor (2012) *Os doze trabalhos de Hércules: Paideia, a construção do homem obra de arte, ético e criador*, São Paulo: Universidade Falada. Audiolivro.
- TEYSSIER, Paul (1995) *Voyages de Vasco de Gama: relations des expéditions de 1497-1499 & 1502-1503*, Paris: Éditions Chandeigne.

